

FACULDADE BATISTA DE MINAS GERAIS - FBMG
Programa de Graduação em Teologia

Victor Fernandes Nascimento

**EXERCITA-TE NA PIEDADE: uma introdução a importância das
disciplinas espirituais para a vida cristã a partir de uma perspectiva
protestante**

Belo Horizonte
2021

Victor Fernandes Nascimento

**EXERCITA-TE NA PIEDADE: uma introdução a importância das
disciplinas espirituais para a vida cristã a partir de uma perspectiva
protestante**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Graduação
em Teologia da Faculdade Batista de
Minas Gerais, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Teologia.

Orientador: Prof. Me. Jaison Francisco da
Silva Oliveira

Belo Horizonte
2021



Victor Fernandes Nascimento

**EXERCITA-TE NA PIEDADE: uma introdução a importância das
disciplinas espirituais para a vida cristã a partir de uma perspectiva
protestante**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Jaison Francisco da Silva Oliveira (Orientador)

Prof. Examinador 1

Prof. Examinador 2

Este trabalho é dedicado a Deus. Ele me capacitou para toda produção desse trabalho. A ele pertence toda Glória!

AGRADECIMENTOS

Durante esse tempo de trabalho tive a oportunidade de crescimento tanto pessoal quanto profissional, e por isso sou grato. A conclusão desse trabalho vem acompanhada de pessoas que me auxiliaram durante sua realização.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, a quem pertence toda glória, de quem provem todo amor, cuidado, sustento, sabedoria e todas as outras coisas que foram necessárias para que eu chegasse até aqui. Agradeço aos meus pais, aos meus irmãos e a toda minha família por sempre me apoiarem, incentivarem, por não terem medido esforços para que eu atingisse meu objetivo.

Minha gratidão a Sara por todo companheirismo, compreensão, amizade, incentivo e amor. Agradeço também aos meus colegas de seminário Wemerson e João por caminharem comigo nesse tempo de aprendizado, amizade e comunhão. Agradeço ao Pastor André, pastor da minha comunidade local que sempre me apoiou, me aconselhou, exortou, me dando todo suporte necessário para que chegasse até aqui. Agradeço também aos meus irmãos em Cristo da minha igreja local pela confiança que depositaram no exercício da minha vocação e pela oportunidade que tive de servi-los nesse processo.

Minha gratidão ao meu orientador Prof. Jaison Oliveira que me recebeu e acreditou no meu trabalho. Obrigado pela oportunidade, pelos ensinamentos, pela paciência e pela disponibilidade. Por fim, agradeço a Faculdade Batista de Minas Gerais e a todos que de alguma maneira contribuíram para a realização desse trabalho. Muito obrigado!

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar em caráter introdutório a importância das disciplinas espirituais para a espiritualidade cristã a partir de uma perspectiva protestante. O trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica em que no primeiro capítulo é apresentado a definição das disciplinas espirituais e suas classificações. No segundo capítulo trata-se dos fundamentos bíblicos das disciplinas espirituais, considerando que as disciplinas estão respaldadas na Palavra de Deus. O terceiro e último capítulo, trata-se dos resultados desse estudo, abordando a relevância das disciplinas espirituais para espiritualidade cristã, apresentando o que cada uma das disciplinas produz e gera de transformação na vida cristã quando são praticadas no cotidiano

PALAVRAS-CHAVE: Disciplinas Espirituais; Espiritualidade; Meios de graça.

ABSTRACT

This research aims to introduce the importance of spiritual disciplines as they relate to Christian spirituality from a Protestant's perspective. The work is concerning bibliographical research. The first chapter covers the definition of spiritual disciplines and outlines their classifications. The second chapter discusses the biblical foundations of spiritual practices, considering that the disciplines are supported by the Word of God. The third and closing chapter deals with the results of this study. Here we address the relevance of spiritual disciplines for Christian sanctity; presenting what each of the disciplines create and elicit when they are practiced daily, resulting in the transformation of Christian life.

KEYWORDS: Spiritual Disciplines; Spirituality; Means of grace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. DISCIPLINAS ESPIRITUAIS: DEFINIÇÕES.....	11
1.1 As disciplinas interiores	13
1.2 As disciplinas exteriores	14
1.3 As disciplinas comunitárias	15
2. OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS DAS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS.....	17
2.1. Fundamentações bíblicas das disciplinas interiores.....	17
2.2. Fundamentações bíblicas das disciplinas exteriores.....	20
2.3. Fundamentações bíblicas das disciplinas comunitárias.....	23
3. A RELEVÂNCIA DAS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS PARA A VIDA CRISTÃ.....	27
3.1. A relevância das disciplinas interiores para a vida cristã.....	27
3.2. A relevância das disciplinas exteriores para a vida cristã.....	29
3.3. A relevância das disciplinas comunitárias para a vida cristã.....	31
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

Segundo Foster (2007, p. 29) “a superficialidade é a maldição desse tempo. A doutrina da satisfação instantânea é o principal problema espiritual”. Um dos maiores problemas desse tempo é a superficialidade. O ser humano e as atividades que realiza, seu conhecimento, sua prática, estão cada vez mais superficiais. Nota-se uma imersão do homem em uma cultura em que os resultados precisam ser imediatos e os processos não são valorizados, exigindo-se assim grande remuneração financeira sem muito trabalho, pouco estudo com muito aprendizado, pouco pensar e grandes projetos realizados, entre outros.

Verifica-se que essa realidade não é diferente na concepção acerca da vida cristã. De acordo com último censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, identificou-se um aumento de 61,45% na população evangélica do país, no período de 10 anos. Porém observa-se que esse crescimento é muito mais quantitativo do que qualitativo. Resultando em muitas pessoas que tem um primeiro contato com o evangelho, mas permanecem superficiais na compreensão da fé e da vida cristã. O crescimento na espiritualidade cristã, assim como qualquer outro crescimento em alguma área, necessita-se de tempo, processo de discipulado, igrejas comprometidas com as Escrituras e a mensagem do evangelho.

Em conformidade com Foster, Stott (2011 p. 33) descreve que o cenário cristão no mundo atual se resume em um crescimento sem consistência, que não deve ser vencido pelo triunfalismo de se valorizar simplesmente o aumento no número de cristãos pelo mundo, pois na maioria dos casos trata-se de um crescimento sem profundidade. McGrath (2008, p. 20) expõe que a espiritualidade cristã é o reflexo de todo empreendimento cristão no em alcançar e sustentar o relacionamento com Deus, e que faz parte desse trabalho o culto público, a devoção particular, e os resultados destes na vida cristã propriamente. Um excelente caminho para que se ocorra crescimento com profundidade é a prática das disciplinas espirituais, pois elas são de extrema relevância para o exercício na piedade, para o desenvolvimento da espiritualidade cristã.

As disciplinas espirituais são um caminho excelente, pois as Escrituras expressam sua importância e sua prática por muitos homens e mulheres de Deus. No Antigo Testamento, observa-se Noé praticando as disciplinas da

submissão e do serviço, sendo obediente como Deus lhe tinha ordenado (Gn 6:22). Nos Salmos, percebe-se Davi praticando a adoração, celebração e confissão. Verifica-se Daniel e seus amigos fazendo jejum de dez dias ingerindo só vegetais e água (Dn 1:11-14), entre tantos outros exemplos no AT. No novo Testamento nota-se o próprio Jesus, o Deus Filho, praticando e falando sobre as disciplinas espirituais¹. Vê-se Jesus praticando e falando sobre oração (Jo 17; Mt 6:5-15), fazendo o mesmo a respeito do jejum (Mt 4:1-2; 6:16-18), do serviço (Jo 13:1-17; Mt 20:26-28), da submissão (Lc 22:42), entre outras. Ainda no Novo Testamento observa-se o relato de Lucas (At 2:42-47) de como os cristãos da igreja nos seus primeiros dias praticavam o estudo das Escrituras, a celebração e a adoração na comunhão que possuíam, a oração, o serviço, a simplicidade.

Diante disso, mediante uma pesquisa de metodologia bibliográfica, esse trabalho tem por propósito demonstrar a importância das disciplinas espirituais para a vida cristã a partir de uma perspectiva protestante. Sendo assim, a fim de cumprir com o objetivo proposto, serão desenvolvidos três capítulos. No primeiro, será abordado as definições das disciplinas espirituais, no segundo, será considerado os fundamentos bíblicos das disciplinas espirituais e no terceiro e último capítulo, apresentar-se-á a relevância das disciplinas espirituais para vida cristã.

Vale destacar, que este artigo constitui uma pesquisa de caráter introdutório que não visa esgotar o tema em questão, mas despertar o leitor para o estudo acadêmico das disciplinas espirituais e a sua relação com a espiritualidade cristã.

¹ Ressalta-se que Jesus não praticou a disciplina da confissão, pois apesar de ter se encarnado como homem, ele também é Deus e não tem pecado (1 Pe 2:22; Hb 4:15; Hb 7:26).

CAPÍTULO 1

DISCIPLINAS ESPIRITUAIS: DEFINIÇÕES

“Disciplinas Espirituais são as disciplinas pessoais e corporativas que promovem crescimento espiritual. São hábitos de devoção e cristianismo experimental que têm sido praticados pelo povo de Deus” (WHITNEY, 2009, p. 15). Embora, não sejam um meio para a justificação diante de Deus, as disciplinas espirituais são o meio pelo qual os cristãos se relacionam e tem intimidade com Deus.

Louis Berkhof (1990, p. 598-603), Charles Hodge (2001, p. 1367-1368), Tim Chester (2019, p. 154), Earl Blackburn (2017, p. 8) preferem a utilização do termo “meios de Graça” em vez de disciplinas espirituais. Essa preferência deve-se pelo fato de compreenderem ser uma expressão menos passível de erros e interpretações equivocadas, impedindo que as disciplinas espirituais sejam consideradas um aspecto meritório para se alcançar o favor e as bênçãos da parte de Deus².

Apesar da dificuldade associada a interpretação da nomenclatura, a expressão “disciplinas espirituais” não visa expressar algum tipo de prática feita com o objetivo de obter o favor divino. A terminologia corretamente interpretada busca chamar a atenção para o sentido de ser uma obediência, algo constante, um hábito que se torna enraizado na vida daqueles que foram alcançados por Cristo, nasceram de novo e agora são detentores de uma nova natureza. De acordo com Richard Foster (2007, p. 30) “o desejo de Deus é que as disciplinas espirituais sejam praticadas por seres humanos comuns: pessoas que têm empregos, que cuidam de crianças, que lavam pratos e retiram os lixos”. Essa expressão também propõe ressaltar que as disciplinas espirituais devem ser praticadas no cotidiano, por pessoas comuns e não por aqueles considerados “super espirituais”, em obediência, mesmo quando não há vontade, disposição,

² Segundo Carson (2011, p. 377-379), “Meios de Graça” é uma expressão agradável e menos susceptível a mal-entendidos do que “disciplinas espirituais”. Em concordância com D.A. Carson, o Teólogo Tim Chester embora seja completamente a favor das disciplinas espirituais, acredita que o termo “meios de graça” seja melhor. “O perigo é que a linguagem das disciplinas espirituais torne o relacionamento com Deus algo que deva conquistar por meio do trabalho árduo” (CHESTER, 2019, p. 154).

pois é por meio delas que os cristãos são alimentados por Deus e fortalecidos na fé em Cristo.

Essa obediência só é possível por causa da graça que se manifesta, por causa do Espírito Santo que capacita ao homem viver em obediência, e não por causa merecimento ou mérito humano. Tal ideia concorda bem com a definição de Grudem (2010, p. 801) que define os meios de graça como uma distribuição de mais graça aos cristãos, pois é graça que impulsiona, capacita e empodera para obediência, crescimento espiritual e intimidade com Deus. Conclui-se então que os dois termos estão corretos e expressam significados essenciais para as disciplinas espirituais/meios de graça. Conforme Packer (2009, p. 5), “A doutrina das Disciplinas é realmente uma reafirmação e uma extensão do ensino protestante clássico sobre os meios da graça (a Palavra de Deus, oração, comunhão e Ceia do Senhor)”.

Na perspectiva protestante, as disciplinas espirituais são enumeradas e classificadas de maneiras distintas, não havendo consenso teórico acerca da quantidade de práticas ou hábitos devocionais que podem ser classificados como uma disciplina espiritual. Segundo Grudem (2010, p. 801) “na história do debate dos meios de graça da igreja, alguns teólogos limitaram a três: a pregação da palavra e os dois sacramentos (o batismo e a ceia do Senhor)”. O teólogo Charles Hodge (2001, p. 1367) além da pregação da palavra e os sacramentos, acrescenta a oração como um quarto meio de graça. Grudem (2010, p. 802) complementa que essa lista pode ser bem maior, podendo conter outros meios de graça como: o ensino da palavra, o batismo, a ceia do Senhor, a oração uns pelos outros, a adoração, a disciplina da igreja, a oferta, os dons espirituais, a comunhão, a evangelização e o ministério individual. Por sua vez, Donald S. Whitney (2009), em seu livro *Disciplinas Espirituais*, apresenta a absorção bíblica, a oração, a adoração, o evangelismo, serviço, mordomia, aplicação das escrituras, jejum, silêncio e solidão (solitude), diário (anotações) e o aprendizado, como disciplinas espirituais³.

Apesar da divergência apresentada pelos teóricos e pensadores protestantes supracitados, a presente pesquisa utilizará a classificação de disciplinas espirituais postuladas por Richard Foster (2007), que classifica os

³ Embora, Whitney não considere que as disciplinas analisadas por ele sejam as únicas da vida cristã.

hábitos devocionais como disciplinas interiores, exteriores e comunitárias, as quais serão descritas a seguir.

1.1 As disciplinas interiores

As disciplinas interiores são instrumentos de Deus para levar o cristão a uma transformação genuína de dentro para fora. Fazem parte desse grupo: leitura/estudo das escrituras, meditação, oração e jejum.

O estudo das escrituras feito de maneira correta, dedicada e cuidadosa, levará o cristão a uma espiritualidade profunda e saudável. Foster (2007, p. 104-106) declara que a disciplina do estudo é o envolvimento de quatro passos. O primeiro é a repetição, responsável por canalizar a mente para uma direção específica, possibilitando assim que os hábitos de pensamento criem raízes. O segundo é a concentração, que é uma forma de ajustar a mente, de dar atenção aquilo que está sendo estudado. O terceiro é a compreensão, que se concentra no conhecimento da verdade (Jo 8:32). O quarto é a reflexão, pois embora a compreensão defina o que está sendo estudado, é a reflexão que estabelece sua importância. A reflexão permite enxergar as coisas pela perspectiva de Deus, sendo por meio dela que o cristão passa a entender não apenas o assunto em pauta, mas a ele mesmo.

Segundo Thomas Merton (Apud Foster, 2007, p. 45) “a contemplação não é um truque psicológico, mas uma graça teológica.” A meditação bíblica não é esvaziar a mente, não é simplesmente se retirar para um lugar e ficar em silêncio. Muitas vezes a meditação é vista como algo místico e complicado demais. De acordo com Foster (2007, p. 47) “a meditação cristã, numa definição simples, é a capacidade de ouvir a voz de Deus e obedecer à sua palavra.” Diante dessa definição, pode-se afirmar que meditar é encher a mente da verdade de Deus, é ouvir a voz de Deus, obedecer a voz dele. Meditar é refletir sobre Deus olhando para Escritura, falando, conversando com a própria alma sobre Deus, sobre quem Ele é, o que Ele fez, faz e fará.

O teólogo protestante Wayne Grudem (2010, p. 305) afirma que “oração é comunicação pessoal com Deus”. A oração é a experiência de derramar o coração, a alma diante de Deus, nessa comunicação pessoal com Ele. Essa realidade pode ser vista nas Escrituras em alguns textos. Por exemplo, em

Salmos 62:8, o salmista convida o povo a confiar no Senhor e a derramar diante dele o coração, pois Ele é o refúgio deles. Em 1Samuel 1:10, nota-se Ana com a alma amargurada, chorando e orando ao Senhor por causa da impossibilidade de gerar de filhos. No versículo quinze do capítulo um, o texto relata que Ana estava “derramando sua alma diante do Senhor”.

Por sua vez, John Stott (2018, p. 67) expõe que “jejuar, em seu sentido estrito, é abster-se totalmente de alimentos. Nas escrituras, jejum tem a ver com autonegação e autodisciplina”. Nas Escrituras, o jejum é praticado por motivos espirituais. Martyn Lloyd-Jones (2018, p.326) acrescenta que o jejum, não deve ser considerado somente na questão de alimentos sólidos e líquidos, o jejum também deveria incluir a abstinência de qualquer coisa, legítima em si mesma, tendo-se em vista algum propósito espiritual especial.

1.2 As disciplinas exteriores

As disciplinas exteriores são as que refletem através dos cristãos quais são as prioridades do Reino de Deus. Fazem parte desse grupo: submissão, serviço, solitude e simplicidade.

Submissão (sub “em baixo”, missão) é estar sob a missão de alguém. É disposição para obedecer, para se sujeitar, se colocar sob a vontade de alguém. Submissão não é prisão ou escravidão, e sim um nível de obediência, de sujeição voluntária, consciente. De acordo com Calvino (Apud, Subirá, 2020, p. 53) “Nenhum verdadeiro Cristão pertence a si mesmo”. O cristão não pertence a si mesmo, pois a sua obediência, sua sujeição voluntária e consciente é em primeiro lugar a Deus, e depois deve ser aos outros.

A disciplina do serviço é em primeiro lugar serviço a Deus. O serviço a Deus transborda em serviço ao próximo. Segundo Whitney (2009, p. 151), “A carne conspira contra a falta de notoriedade e a mesmice de servir. Dois dos nossos pecados mais mortais - a preguiça e o orgulho - são totalmente antagônicos ao serviço”. O serviço cristão é a experiência de vivenciar pequenas mortes para a preguiça e o orgulho. Esses dois pecados fazem o cristão enxergar apenas a si mesmo, não se movendo assim na direção do outro. Preguiça e orgulho geram acomodação e competição, o serviço gera humildade e cooperação.

“A disciplina do silêncio é a abstenção voluntária e temporária de falar para que objetivos espirituais possam ser buscados. Embora não haja voz audível, há diálogos internos consigo mesmo e com Deus” (WHITNEY, 2009, p. 244). Solitude nas palavras de Jesus é “vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está em secreto...” (Mt 6:6). É ficar sozinho, fazer silêncio interior, abaixar os volumes, silenciar os barulhos, desfazer os costumes, os ritos, afastar-se das distrações, para ouvir a voz Deus.

Simplicidade não é uma característica de alguém com pouca condição financeira, ou de alguém que pensa menos de si, que não gosta de receber elogios pelas coisas que faz e sempre se diminui, considerando-se inferior diante de cada situação. Essas pessoas acabam sendo reconhecidas erroneamente como pessoas simples, humildes. Conforme afirma Keller (2014, p. 34) “A essência da humildade resultante do evangelho não é pensar em si mesmo como se fosse mais, nem pensar em si mesmo como se eu fosse menos; é pensar menos em si mesmo”. Simplicidade é o auto esquecimento de si, em que o homem se liberta desse cativo de pensar que é melhor ou pior que alguém.

1.3 As disciplinas comunitárias

As disciplinas comunitárias são os hábitos devocionais que implicam na comunhão com outros cristãos. Fazem parte desse grupo: adoração, confissão, orientação e celebração.

John Piper (2008, p. 69) define que “adoração é uma maneira de refletir alegremente, de volta para Deus, o brilho do seu valor”. Adorar significa prostrar-se ou curvar-se. O Novo Dicionário da Bíblia de J. D. Douglas (2006, p. 16) apresenta que apesar do vocábulo para adoração na Bíblia ser muito extenso, a definição principal no AT e no NT é “serviço”. Os termos referentes a adoração tanto no AT quanto no NT são o hebraico *avodah* e o grego *latreia*, em que cada um significava o trabalho feito por escravos ou empregados. O dicionário também expressa que no ato de adorar os servos devem se prostarem (no hebraico *hishtawah*; no grego *proskyneo*), manifestarem reverência, admiração e respeito próprios da ação de adoração”. Diante disso, pode-se definir que adoração é o coração, a vida do servo totalmente prostada, rendida ao Deus que é digno de toda honra, glória e louvor.

Donald S. Whitney (2009) define que a confissão não é um simples proferir de palavras, como se fosse um ritual verbal. Whitney mostra que Cristo é desonrado pela visão frívola da confissão que não reconhece o quanto o pecado do homem custou ao próprio Cristo. A mera admissão não é confissão, e a confissão bíblica envolve um verdadeiro arrependimento, e ao menos algum grau de tristeza pelo pecado cometido. A confissão é a disciplina de ir a Deus, confessar os pecados, as transgressões e não ocultar a iniquidade (Sl 32:5). A confissão é a disciplina espiritual de reconhecer e confessar os próprios pecados, buscando o perdão em Deus. Por meio dessa disciplina o cristão é curado, renovado e transformado por Deus.

A orientação é a disciplina em que o cristão é conduzido pela Palavra de Deus. Os cristãos em primeiro lugar, devem ser orientados por Deus, por meio da sua palavra. Através das Escrituras, Deus declara a forma correta pela qual o ser humano deve viver e proceder para agradá-Lo. Essa orientação por meio da palavra é conduzida pelo Espírito Santo (Jo 14:16). Stott (2018, p. 105) afirma que a vida cristã é, essencialmente, a vida no Espírito, uma vida que é animada, sustentada, dirigida e enriquecida pelo Espírito Santo. Sem o Espírito, o discipulado cristão seria inconcebível, impossível. É no poder do Espírito Santo que são transformados e conduzidos para obediência a orientação de Deus em sua palavra. Logo então pode-se definir orientação como o processo de ouvir a voz de Deus por meio da sua Palavra, e capacitado pelo Espírito obedecê-lo.

A disciplina espiritual da celebração conduz o cristão a alegria em Deus. Deus é a fonte inesgotável de prazer e alegria. Foster (2007) considera que a celebração é a base para a prática de todas as outras disciplinas, pois sem alegria e prazer elas se tornam cansativas, desgastantes, se tornando orgulho para aqueles que acham que conseguem praticá-las pelo mérito humano. As disciplinas espirituais devem ser praticadas com um nível de obediência prazerosa e alegre, e com uma consciência de ação de graças.

Diante do exposto, percebe-se os diversos hábitos devocionais que compõem as disciplinas espirituais, as quais expressam uma espiritualidade com aspectos interiores, exteriores e comunitários. Dessa forma, será apresentado a seguir a fundamentação bíblica para as disciplinas espirituais a fim de demonstrar que tais elementos da devoção cristã estão respaldados nas Escrituras.

CAPÍTULO 2

OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS DAS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS

O teólogo J. I. Packer (2009, p. 5-6) ressalta que os fundamentos das disciplinas espirituais são evangélicos, e não legalistas. Elas interpretadas de maneira bíblica, como de fato são, não são um meio de alcançar salvação, mas sim um meio pelo qual aqueles que foram salvos utilizam para se relacionarem com Deus em obediência, para terem comunhão, intimidade com seu Senhor e crescerem espiritualmente em Cristo.

As disciplinas espirituais constituem o meio pelo qual aqueles que possuem um relacionamento com Deus, mediante o ministério da reconciliação de Jesus (2Co 5:17-21) podem experimentar e cultivar a vitalidade na fé. De acordo com Keller (2015, p. 127) “a fé verdadeira conecta o ser humano a Cristo, não só para a salvação da penalidade por seus pecados, mas para um relacionamento de amor contínuo com ele”. Diante disso percebe-se que um indivíduo que deseja viver esse propósito de conhecer a Deus e se relacionar intensamente com Cristo, deverá necessariamente praticar as disciplinas espirituais. Depois de considerar as definições que envolvem o estudo das disciplinas espirituais, será desenvolvido neste capítulo a fundamentação bíblica dos hábitos devocionais em sua divisão de interiores, exteriores e comunitárias.

2.1. Fundamentações bíblicas das disciplinas interiores

Segundo Sproul (2003, p. 33) “como seres humanos vivemos sob a obrigação, por mandato divino, de estudar diligentemente a Palavra de Deus. Ele é nosso Soberano, essa é a sua Palavra e ele a ordena que a estudemos”. O apóstolo Paulo em sua carta ao seu discípulo Timóteo, ou como ele mesmo se refere ao “seu filho” na fé (2Tm 1:1), declara que “as sagradas letras são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus” (2 Tm 3:15). No versículo dezesseis apóstolo acrescenta que “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2 Tm 3:16,17).

No Antigo Testamento é relatado a instrução de Deus aos israelitas em Deuteronômio 11:18-21, para que eles gravassem as suas palavras no coração e na mente, ensinassem a seus filhos, e conversassem a respeito dela em todo tempo. Conforme Thompson (2006, p. 147) “já que a obediência a Deus era fundamental ao bem-estar de Israel, os mandamentos dados por Moisés precisavam ser inculcados no coração daquela geração e cuidadosamente transmitidos às gerações futuras”. Observa-se que o propósito dessa instrução da parte de Deus é depositar sua palavra dentro do coração do homem, é alinhar sua mente em obediência a Ele por meio da sua palavra. O salmo 119 em vários momentos ressalta como o salmista ama a palavra e como ele se relaciona profundamente com Deus por meio dela (Sl 119:1-2, 9-11, 18, 34-37, 55-57, 103-105). Allan Harman (2011, p. 400) comentando este salmo apresenta que o poeta usa os elementos característicos da poesia hebraica com grande maestria para demonstrar sua plena devoção à Palavra de Deus, sendo as Escrituras, o elemento pelo qual a sua esperança é nutrida e forma seu guia para a vida.

A meditação nas Escrituras é uma ordenança bíblica. Em Josué 1.8, as palavras de encorajamento da parte de Deus para Josué não são apenas de que ele deveria ser forte e corajoso, mas também de que deveria meditar na sua Palavra dia e noite, para que ele cumprisse fielmente tudo que nela está escrito. Conforme Calvino (2009, p. 45) “desse amor pela lei procede a constante meditação nela”. Nota-se a semelhança entre o texto de Josué 1.8 e o Salmo 1, no qual o salmista declara que o seu prazer, sua satisfação está na Lei do Senhor, e nele medita dia e noite. Observa-se essa realidade em outros textos dos salmos (Sl 19:14; Sl 119:97-100; Sl 77:11-12; Sl 104:33-34)⁴.

No evangelho de Mateus 6:5-8, é visto Jesus ensinando seus discípulos no sermão do monte a respeito da oração.

E, quando orardes, não sejais como os hipócritas; pois gostam de orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam sua recompensa. Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê o que é secreto, te recompensará. E, quando orardes, não useis de repetições inúteis, a exemplo dos gentios; pois eles pensam que serão ouvidos pelo muito falar. Não vos assemelheis a eles; pois vosso Pai conhece de que necessitais, antes de o pedirdes a ele.

⁴ É importante salientar que a meditação bíblica faz parte de uma correta interpretação do texto bíblico.

No texto supracitado, Jesus condena dois pecados que não devem existir na experiência da oração, de comunicação pessoal com o Pai. No verso cinco Jesus condena a hipocrisia, conforme MacArthur (2019, p. 1099) “esse termo teve origem no teatro grego, descrevendo um personagem que usava máscara”. Jesus está dizendo que esses que tem essa atitude são atores, que fingem uma experiência de espiritualidade. Encenam essa experiência, porque querem ser reconhecidos, receber o aplauso dos outros. Jesus afirma que essa é a única recompensa que eles têm e já receberam. No verso sete condena as vãs repetições. Stott (2018, p. 64) declara que “Jesus está descrevendo qualquer oração repleta de palavras, mas sem sentido; que é só de lábios, mas não provém da mente ou do coração”. As vãs repetições são as meras repetições de palavras vazias, sem sentido, pronunciadas na oração.

Segundo Stott (2018, p. 63) “devemos fechar a porta para a perturbação e a distração, mas também evitar os olhos curiosos dos outros e nos fechar em Deus”. Em Mateus 6:6, Jesus ensina que a oração é um momento de ir para um lugar e ficar a sós com Deus⁵ (“entrar para o quarto, fechar a porta e orar), sem ser incomodado, silenciar as distrações e orar. Diante dessa experiência, ele ensina que Deus vê em secreto, e recompensará. Em Mateus 6:9-15 Jesus vai descrever alguns elementos que devem estar na experiência da oração. Esses elementos são: santificação (a vida do adorador precisa revelar o quão santo o nome de Deus é), vinda do Reino de Deus (governo de Deus) e da sua vontade sobre seus discípulos, a provisão de Deus de cada dia, o perdão, o livramento das tentações e do mal, e por último o reconhecimento que de Deus é o Reino, o poder e a glória para sempre. Martyn Lloyd-Jones (2018, p. 344-353) descreve que as três primeiras petições falam a respeito de Deus e da sua glória, exclusivamente. Já as outras três contemplam todos os aspectos da vida do crente, pois nelas Deus cobriu toda a vida do crente, no que diz respeito a todas as suas necessidades físicas, mentais e espirituais.

William Hendriksen (2001) comenta que o jejum servia para diversos propósitos. Primeiro, para ser uma expressão de humilhação, ou seja, pela

⁵ De acordo com Grudem (2010, p. 305) “orar com os outros, então, é também correto e muitas vezes aumenta a nossa fé e a eficácia das nossas orações.” Embora Jesus ensine sobre a oração como esse momento em que se deve separar para estar a sós com Deus, verifica-se também nas Escrituras a prática de orações comunitárias, como nos exemplos de At 2:42; At 3:1 e At 4:23-31.

tristeza pelo pecado, que estaria ligada a confissão (Lv 16.29-34; 23.26- 32; Nm 29.7-11; Dt 9.18; 1Rs 21.27; Nm 9.1ss; Dn 9.3,4; Jn 3.5). Segundo, com a finalidade de promover concentração sobre um ato ou evento religioso, a exemplo do envio de missionários (At 13:2,3) e nomeação de presbíteros por Paulo e Barnabé (At 14:23).

Nas Escrituras, verifica-se também os jejuns comunitários ou públicos. Na Lei de Moisés, tinha o único jejum público exigido pela Lei, que era o do Dia da Expição (Lv 23:27). Observa-se outros que são jejuns comunitários convocados em tempos de emergência nacional ou para um grupo específico (Jl 2:15-16, 2Cr 20:1-4, Es 8:21-23). Ainda se verifica os jejuns regulares, que eram mantidos em dias predefinidos (Zc 8:19, Lc 18:12). Em Mateus 6:16-18 e Mateus 9:14-15, embora as palavras de Jesus não expressem uma ordem, um mandamento, percebe-se o desejo profundo do Pai que os seus discípulos se relacionassem com ele por meio da disciplina espiritual do jejum (“Quando jejuarem...”). De acordo com MacArthur (2019, p. 1099) “essa orientação pressupõe que o jejum é uma parte normal da vida espiritual.” Nota-se que Jesus defendia o jejum e esperava que seus discípulos desenvolvessem tal prática. Martyn Lloyd-Jones (2018, p. 325-326) comentando os textos citados em Mateus apresenta que Jesus nunca proibiu o jejum, e que o jejum nada tinha de errado, sendo assim recomendado aos discípulos de Cristo.

2.2. Fundamentações bíblicas das disciplinas exteriores

Segundo Lutero (Apud, Foster, 2007 p. 161) “O cristão é um senhor perfeitamente livre de tudo: a ninguém se sujeita. O Cristão é um servo perfeitamente zeloso em tudo: sujeita-se a todos”. No Antigo Testamento é possível ver Noé, em Gênesis 6:22 praticando a submissão, quando ouve a voz de Deus, obedecendo a ele como Ihe tinha ordenado. Em Gênesis 12:1-11, Abraão também pratica a submissão quando ele ouve a voz de Deus e o obedece. No Novo Testamento nota-se em Efésios 5:21, onde o Apóstolo Paulo ensina que os cristãos devem se sujeitar uns aos outros por temor a Cristo. Em Tiago Tg 4:7-10, Tiago escreve aos judeus que estão dispersos, exortando-os a serem submissos a Deus. Simon Kistemaker (2006, p. 191) observa que quando Tiago diz “sujeitai-vos”, ele na verdade quer dizer “obedecei”, e que sujeitai-vos

descreve um ato voluntário de colocar-se sob a autoridade de outra pessoa para mostrar-lhe respeito e obediência.

Ao longo de toda as Escrituras, percebe-se claramente que o homem foi chamado para obediência (Gn 2:15-17; Êx 19:3-8; Dt 5:32-33; Dt 11:1,18-19; Jr 7:22-26; Mt 7:24-29; Jo 14:15,23-24; 1Jo 5:3). Conforme Carson (2010, p. 307) “Jesus exigiu a morte do “eu”. Tomar a sua cruz não quer dizer suportar alguma situação complicada ou trágica na vida de alguém, mas a dolorosa morte do eu”. O próprio Jesus foi submisso em tudo a vontade do Pai, ele foi escolhido para se submeter e dar a sua vida pela humanidade (Jo 5:19; Lc 22:42; Hb 5:7). Jesus coloca como pré-requisito para ser seu discípulo negar a si mesmo e tomar sua cruz (Lc 9:23).

A disciplina espiritual do serviço é mais ressaltada nos evangelhos na pessoa de Jesus. O Apóstolo Paulo em Filipenses 2:5-7, ensina que a atitude do cristão deve ser a mesma de Jesus, que mesmo sendo Deus, não considerou isso como algo que devia apegar-se. Porém esvaziou a si mesmo, tornando-se servo, tornando-se semelhante aos homens. Se Jesus sendo Deus serviu, os cristãos como seus imitadores devem repetir seu exemplo. Carson relata que (2007, p. 467) “se o evento do lava-pés e da cruz são propiciados pelo incrível amor de Jesus, a comunidade dos purificados que ele está criando deve ser caracterizada pelo mesmo amor e, portanto, pela mesma abnegação no esforço de servir a outros”. Jesus ensina no evangelho de João 13:1-17, quando lava os pés dos seus discípulos, e lhes diz: “Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz” (NVI). No versículo 17, do capítulo 13 do evangelho de João, Jesus declara: “Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem” (NVI). Revela-se então que a vida feliz é a vida do serviço.

Conforme Kraybill (2017, p. 72) “ele [Jesus] recusou a tentação política de governar pela força. Ele nos instruiu, ao invés disso, a amar os inimigos, abençoar aos que amaldiçoam e perdoar 490 vezes. Em suma, ele nos chama a servir [...]”. Em outros textos dos evangelhos é visto Jesus ensinando sobre o serviço. Verifica-se o exemplo em Marcos 10:42-45, em que Jesus faz uma comparação com os governantes das outras nações que dominam e exercem poder sobre elas, enquanto seus discípulos governam sendo servos, escravos

de todos, pois o próprio Jesus não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.

De acordo com Stott (2019 p. 537) “Deus nos criou como seres sociais. Como ele é amor e nos criou à sua imagem, deu-nos a capacidade de amar e de sermos amados. Ele quer que vivamos em comunidade, não em solidão”. Naturalmente pode-se observar que o ser humano não foi feito para viver sozinho, sem a presença e companhia de outros seres humanos. A solidude parece contrariar essa característica do ser humano de ser social, coletivo, como foi criado por Deus, confundindo-se sua fundamentação. O que é contrário a coletividade criada por Deus é a solidão, não a solidude.

Segundo Foster (2007, p.144) “Existe a liberdade de ficar sozinho, não para se afastar das pessoas, mas para ouvir melhor o sussurro divino. Jesus viveu em solidude de coração. Ele experimentou com frequência a solidude externa”. Ao longo dos evangelhos observa-se que Jesus praticou essa disciplina espiritual, se isolando voluntariamente para ficar a sós com o Pai, como por exemplo em Lucas 6:12, em que antes de escolher os doze discípulos e designá-los apóstolos, Jesus foi para o monte sozinho para orar. Outro exemplo é em Marcos 1:35, em que Jesus de madrugada vai para um lugar deserto, onde investe tempo em oração.

A disciplina espiritual da simplicidade está fundamentada na condução do homem a olhar para seu profundo interior a luz da Bíblia e descobrir suas duas identidades mais profundas. A primeira é que ele é pecador, desobedeceu a Deus, é falho, foi corrompido pelo pecado, perdeu o relacionamento com Deus (Ef 2:1-3). A segunda é que apesar da primeira identidade, o Deus que é rico em misericórdia, o amou com grande amor, o salvando por sua Graça, mediante a fé (Ef 2:4-22), dando a aqueles que se arrependeram e creram o direito de serem feitos filhos de Deus (Jo 1:12). Calvino (2010, p. 39-40) considera que a morte espiritual não é outra coisa senão o estado de alienação em que a alma subsiste em relação a Deus, após a queda, o homem já nasce morto e vive morto, até que se torne participante da vida de Cristo e seja alcançado por sua Graça. Simplicidade fundamenta-se em saber que isso não vem do homem para que nenhum se glorie, mas é dom de Deus (Ef 2:8). Simplicidade fundamenta-se em saber que não foi pelos méritos humanos, por suas obras, mas sim pelos méritos poderosos da cruz de Jesus Cristo. Complexidade é não reconhecer tudo isso,

não se render, é se achar merecedor, e tentar conquistar pelos próprios esforços o que é impossível por eles.

Segundo Foster (2007, p.122) “a disciplina cristã da simplicidade é uma realidade interna cujas consequências são externas, refletidas no estilo de vida”. Depois de compreender as duas identidades interiores e de ser alcançado pela Graça de Deus, aquele que é transformado irá manifestar a disciplina da simplicidade de forma externa. Isso é refletido em um estilo de vida marcado pelas atitudes de doar, compartilhar, repartir, em que se vive não pensando só em si, mas atento as necessidades do próximo.

2.3. Fundamentações bíblicas das disciplinas comunitárias

O homem foi criado para adoração. Em Efésios 1:5-6, o apóstolo Paulo diz que Deus predestinou os eleitos em amor para serem adotados como filhos por meio de Jesus Cristo, para louvor da sua gloriosa graça. Se o homem não adorar a Deus, vai acabar adorando outra coisa, pois seu coração foi criado para a adoração. Conforme Keller (2018, p. 21) “se qualquer coisa torna-se mais fundamental do que Deus para sua felicidade, sentido de vida e identidade, então essa coisa é um ídolo”. Quando não adora a Deus, o homem tenta preencher esse desejo com outra coisa, é dessa raiz que surge a idolatria.

Em João 4:23-24, na conversa de Jesus com a mulher samaritana mostra que Deus está à procura de adoradores, a quem deve ser a adoração e como o homem deve adorar. Primeiro a adoração deve ser ao Pai, enfatizando que a centralidade da adoração não é um lugar, mas é uma pessoa, a pessoa do Senhor, do Deus criador. Segundo a adoração deve ser em espírito e em verdade. Conforme Piper (2008, p. 67) “a adoração verdadeira vem de pessoas com emoções profundas, grande amor e doutrina sadia. Afeições fortes por Deus, arraigadas na verdade, são ossos e medula da adoração bíblica.” Adoração “em espírito” tem a ver com emoção, afeição, coração, sentimento. Já adoração “em verdade” diz respeito a cabeça, pensamento, entendimento adequado e correto de quem Deus é. Pode-se perceber que a adoração precisa ter as duas coisas, são duas verdades que se complementam, como Jesus ensinou. Uma devoção, uma afeição profunda por Deus e um entendimento correto de quem Ele é.

O perdão de Deus é o que sustenta a vida, Deus por meio de Jesus Cristo perdoou o homem. Segundo Lewis (2020, p. 59) “ser cristão significa perdoar o indesculpável, porque Deus perdoou o indesculpável em cada ser humano”. O cálice de toda ira de Deus recaiu sobre Cristo, o único capaz de cumprir toda justiça e morrer no lugar do homem. A obra de Deus realizada em Cristo é o que dá ao homem a oportunidade da confissão e do perdão. Em 1Jo 1:8-10 e 2:1-2 observa-se a realidade da confissão e do perdão como verdades extremamente bíblicas e poderosas em Deus para transformar o homem.

De acordo com Wright (2020, p. 1915) “Jesus ordenou aos seus seguidores para estender o mesmo perdão uns aos outros. Não o fazer é calar a boca a mesma porta pela qual o perdão é recebido por eles mesmos”. Se a realidade da confissão a Deus e do perdão de Deus é extremamente bíblica, a realidade da confissão e do perdão de uns aos outros também é. Isso também faz parte dessa disciplina espiritual. Constata-se isso em Mateus 6:12,14-15 quando Jesus ensinando a respeito da oração diz não somente que se deve perdoar uns aos outros, como também que a ausência do perdão o próximo implica na falta de acesso ao perdão do Pai celestial. Em Efésios 4:32, Paulo orienta os irmãos daquela igreja a serem bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo. Em Colossenses 3:13, o apóstolo aos gentios instrui os cristãos a suportarem uns aos outros e a perdoarem as queixas que tiverem uns contra os outros, perdoando como o Senhor lhes perdoou. Nos dois textos, observa-se que Paulo sempre relata que o motivo do perdão deve ser “como Deus lhes perdoou”. Ainda se verifica em Tiago 5:16 que os discípulos de Jesus devem confessar os pecados uns aos outros e orar uns pelos outros pois assim serão curados. Simon Kistemaker (2006, p. 242) “relata que a confissão de pecados e o orar uns pelos outros são ingredientes vitais do ministério de cura na comunidade cristã”.

Nas Escrituras também se encontram orientações claras de que os filhos de Deus devem andar e viver conduzidos pela orientação do Espírito segundo a palavra, em vez de andar segundo a sua natureza pecaminosa, ou segundo as vontades e desejos da carne. William Hendriksen (2001) descreve que o homem orientado segundo a carne permite que sua vida seja determinada por sua natureza humana pecaminosa. Já o homem orientado pelo Espírito e que se

submete ao Espírito concentra sua atenção em tudo que é amável ao Espírito. Em Romanos 8:5-7, Paulo diz que quem anda segundo a orientação da carne, tem a mente voltada para o que a carne deseja, porém quem vive pelo Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja. Paulo também diz “que a mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz, a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete a Lei de Deus, nem pode fazê-lo. Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus.” John Stott (2018, p.108-109) observa que a razão pela qual a mentalidade da carne é a morte é que ela é “inimiga de Deus”, possuindo uma aversão profundamente forte contra ele. Já a mentalidade do Espírito implica vida e paz, e as pessoas orientadas pelo Espírito estão vivas para Deus, e vivem sedentas por ele e atentas as verdades espirituais.

O apóstolo aos gentios, em Gálatas 5:16,17, diz aos cristãos daquela igreja que eles devem viver pelo Espírito, e de modo nenhum satisfazer os desejos da carne. Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne.” “A forma do verbo grego traduzido como “vivam” indica uma ação contínua ou estilo de vida habitual. Também implica progresso; à medida que o crente se submete, cada vez mais ao controle do Espírito” (MACARTHUR 2019, p. 1633). Conclui-se então que os cristãos devem ser orientados por Deus e pelo seu Espírito.

Apesar de vários textos nas Escrituras mostrarem que o sofrimento é real, que neste mundo a angústia está presente, que as aflições são reais, observa-se textos que mostram que mesmo diante dessa realidade de sofrimento, os cristãos têm alegria em Deus. Em 1 Pedro 1:8-9, Pedro afirma que aqueles que creem em Cristo exultam com “alegria indizível e gloriosa”. Em Romanos 15:13 o texto diz que “o Deus da esperança é quem nos enche de alegria e paz.” Os salmos apresentam várias canções escritas pelos salmistas que expressam júbilo, festa, prazer e alegria (Sl 28:7; 9:1-2; 30:11-12; 100:1-5; 136:1-26; 150:1-6). Segundo Lewis (1958, p. 94) “nos salmos Deus é o objeto que a tudo satisfaz”. Em Levítico 23, o próprio Deus instituiu festas fixas para o povo de Israel. Em Gálatas 5:22 mostra que a alegria é um fruto do Espírito.

Deus oferece uma alegria mesmo em meio as circunstâncias mais adversas, pois a alegria do cristão alegria não está fundamentada nas circunstâncias, mas sim no próprio Deus. Em Tiago 1:2-4 diz que se deve

considerar por motivo de grande alegria o fato de se passar por diversas provações, pois a prova da fé produz perseverança. A alegria em Deus é manifesta mesmo em meio as provações, pois Deus que é soberano tem poder de transformar essas provações em aperfeiçoamento e alegria. Em João 16:22, Jesus também disse aos discípulos que aquela não era uma hora para tristeza, mas ele viria outra vez, e os alegraria, e ninguém lhes tiraria essa alegria deles. Nesse texto, Jesus fala aos seus discípulos sobre sua crucificação/morte e ressurreição. Essa passagem também tem um sentido escatológico, pois revela o tempo da manifestação em plenitude do Reino de Deus, novo céu e nova terra (Ap 21,22), onde não mais existirá sofrimento. D.A Carson (2007, p. 545) comenta que após a ressurreição, ninguém irá tirar a alegria dos discípulos, porque a ressurreição não é só um evento discreto, mas também é o começo da era escatológica, o raiar da nova criação, o precursor da era do Paracleto. Enquanto esse tempo não chega é necessário ao cristão praticar essa disciplina espiritual tão importante, alegre em Deus, satisfeito nele que é a fonte inesgotável de alegria.

Este capítulo considerou os fundamentos bíblicos das disciplinas espirituais interiores, exteriores e comunitárias, ressaltando que os hábitos devocionais supracitados estão respaldados na Palavra de Deus. Diante disso, considerar-se-á a seguir a relevância das disciplinas espirituais para vida cristã.

CAPÍTULO 3

A RELEVÂNCIA DAS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS PARA A VIDA CRISTÃ

As disciplinas espirituais são de extrema relevância para a espiritualidade cristã. McGrath (2008, p. 20-21) explica que espiritualidade trata da vida, da fé de cada ser humano, daquilo que o motiva e estimula, no qual o homem considera útil para se sustentar e crescer. Já a espiritualidade cristã fala a respeito de como a vida cristã é entendida e sobre as práticas devocionais praticadas pelos cristãos para alimentar, desenvolver e aprofundar o relacionamento com Deus.

O cristão para aprofundar sua experiência com Deus precisa praticar as disciplinas espirituais e entender a relevância delas para sua espiritualidade. Whitney (2009, p. 17) descreve que se deve pensar nas disciplinas espirituais como exercícios espirituais, ou seja, a prática de orar, ler e estudar as escrituras por exemplo, é como ir à academia para fortalecer os membros do corpo. Considera-se que assim como no exercício físico que propicia um crescimento, as disciplinas espirituais também proporcionam um crescimento, que é marcado por um exercício na piedade (1Tm 4:7) para o cristão. Depois de considerar os fundamentos bíblicos das disciplinas espirituais, segue-se para a relevância da prática das disciplinas em sua divisão de interiores, exteriores e comunitárias.

3.1. A relevância das disciplinas interiores para a vida cristã

A disciplina espiritual da leitura e do estudo das escrituras é importante porque Deus se revela por meio da sua palavra. Sproul (2003, p. 46) descreve que o estudo das Escrituras é um relevante meio de graça para o cristão, um privilégio, um dever, que sobre o ensino sadio e o estudo diligente, Deus concede sua benção. Sproul (2003) continua comentando que Deus por sua graça e bondade tem providenciado não apenas mestres capazes e talentosos para o ensino, mas o próprio Espírito Santo para iluminar as Escrituras e descobrir a sua aplicação para vida. Ler e estudar as Escrituras é extremamente significativo, pois tudo aquilo que se lê e estuda irá determinar os hábitos que o homem tem em sua vida. Conforme Tozer (Apud, Subirá, 2020, p. 131) “em

grande medida, o homem é o somatório de tudo que ama e, por necessidade moral, cresce na imagem daquilo que mais ama”. Diante do exposto, existindo dedicação a leitura e ao estudo da palavra, se Deus é aquele que o homem mais ama, conclui-se que a vida e o seu caráter serão cada dia mais conformados aos ensinamentos da sua palavra. Whitney (2009, p. 15) afirma “independentemente de quão ocupados sejam os cristãos, eles devem lembrar de que a prática mais transformadora disponível é a leitura disciplinada das Escrituras.

A meditação é essencial para vida cristã. Whitney (2009, p. 57) comenta que o verdadeiro êxito do cristão que medita na Palavra de Deus, que pensa profundamente nas Escrituras, em todo decorrer do dia é ter suas palavras, conversas e ações saturadas pelas Escrituras. A essencialidade da meditação está no fruto que é gerado por ela. Verifica-se que com a mente cheia da Palavra, o cristão tem como resultado/fruto cada situação da sua vida pensada, refletida e enxergada por meio da Palavra de Deus. Tozer (2018, p.15) descreve que um conceito, um entendimento elevado de Deus é essencial para igreja, pois quando esse conceito é fraco e não praticado em qualquer medida, a igreja, sua adoração e padrões morais decaem juntamente com a compreensão sobre Deus. Nota-se que a meditação é relevante, pois quando praticada há um benefício particular para cada cristão e para a igreja que desfruta do fruto da meditação.

Outra disciplina significativa para o cristão é a oração. Primeiro, porque por meio da oração recebe-se sustento espiritual da parte de Deus, revelando e tornando o cristão cada vez mais dependente e confiante no Senhor. Grudem (2010, p. 305) descreve que a oração exprime a confiança e a dependência em Deus, e que Deus como Criador, se deleita ao ver suas criaturas confiando e dependendo dele. Segundo, porque todo crente tem acesso a Deus por meio de Jesus (1Tm 2:5-6; Hb 4:14-16; Hb 10:19-23). Kistemaker (2003, p. 402) afirma “somos exortados a irmos até Deus; nesta vida terrena nós o fazemos em oração. O grande sacerdote toma nossas orações e como intercessor as apresenta diante de Deus”. Terceiro, porque a oração faz o cristão enxergar Deus não somente como o Deus transcendente, mas também como Pai, como um Deus relacional. Tim Chester (2019, p. 79) apresenta que todo ensino de Jesus a respeito da oração é sobre enxergar a Deus como Pai, e que enxergar

Deus como Pai muda radicalmente a atitude dos cristãos para com os deveres religiosos, transformando religião em relacionamento.

Foster (2007, p. 93) descreve que o jejum é a disciplina que mais revela aquilo que controla o homem, sendo também a disciplina que lembra ao cristão que ele é sustentado “por toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4), portanto, percebe-se que o jejum é mais do que abstinência de comida, sendo o jejum um banquete com a Palavra de Deus. A relevância da prática do jejum é muito mais do que ficar um tempo sem ingerir alimentos, o jejum é um tempo em que o indivíduo abstém das distrações que o cerca, das coisas que o controla, para investir tempo de qualidade com Deus. Tempo esse dedicado a adoração, leitura da palavra e oração. Wesley (1971, p. 301) relata que o jejum deve ser feito para Deus, com os olhos fixos somente nele, com o objetivo único de glorificar a Deus, sendo essa a única maneira que o homem tem de poupá-lo de amar mais as bênçãos que o abençoador. A significância do jejum deve estar na sua centralização em Deus, pois ele não pode ser feito para fins materiais, visando o benefício próprio, nem desprezado como se não agradasse ao próprio Deus.

3.2. A relevância das disciplinas exteriores para a vida cristã

Assim como as disciplinas interiores, os hábitos devocionais exteriores são muito relevantes para vida cristã. Foster (2007, p. 162) mostra que a submissão tem a capacidade de tirar o pesado fardo que o homem tem de sempre fazer as coisas do seu jeito, pois essa obsessão é a pior escravidão que existe na sociedade. A relevância da submissão é expressa através da liberdade que o cristão recebe da necessidade de fazer tudo do seu jeito. O pior carrasco do ser humano é ele próprio, sua pior escravidão é viver escravo das suas próprias vontades e desejos corrompidos pelo pecado. Stott (2001, p. 163) relata que a submissão exigida deve ser considerada a partir da autoridade de Deus aos seres humanos, e se o ser humano abusa dessa autoridade que Deus lhe deu (por exemplo, ordenando o que Deus não ordena), deve-se recusar essa submissão, pois autoridade no uso bíblico não é um sinônimo de tirania. A submissão é uma das disciplinas mais mal interpretadas e praticadas por muitos cristãos. Primeiro, porque muitos confundem ela com autoritarismo, usando-a

para exercer domínio sobre outras pessoas, fazendo com que tudo seja sempre feito de acordo com sua própria vontade e para seu próprio benefício. Segundo, porque muitos praticam a submissão gerando um certo nível de dependência emocional e espiritual. Terceiro, porque muitos praticam a submissão usando como arma o medo e a opressão, uma espécie de maldição para quem decide sair desse estado de submissão.

De igual maneira, a disciplina do serviço é fundamental. O serviço a Deus que transborda em serviço ao próximo. Segundo Stott (2019, p. 584-585) “se seres humanos são seres semelhantes a Deus, então eles precisam ser servidos, e não explorados; respeitados e não manipulados”. Uma forma de servir a Deus é servindo pessoas, é cuidando do próximo, é se importando com o outro, e a semelhança de Jesus pegar uma bacia e uma toalha e derramar a vida em serviço uns aos outros. Whitney (2009, p. 150-151) expõe que apesar do chamado de Jesus ao serviço ser a forma mais nobre de viver, a disciplina do serviço é tão cotidiana e corriqueira quanto lavar os pés de alguém, pois esse se importar, cuidar, servir ao próximo pode ser uma tarefa muito visível, pública, como também isolada. O serviço é indispensável, pois Jesus na cruz do calvário praticou o maior ato de serviço da história, praticou essa disciplina espiritual com uma intensidade incomparável. O homem só tem a capacidade de servir, porque um dia foi servido por Deus por meio de Jesus Cristo. O cristão tem como papel servir a Deus, a sua família, ao próximo, a igreja (Corpo de Cristo) e aos aflitos e desesperados.

A disciplina da solitude produz no cristão a capacidade de conseguir ouvir melhor a voz de Deus. Durante esse período de isolamento voluntário e silencioso, o cristão consegue silenciar suas distrações, fugir do mundo agitado e de barulho que o cerca, focando seus pensamentos em Deus e em sua palavra. Foster (2007, p. 146) escreve que “na disciplina do silêncio e da solitude, aprendemos quando falar e quando nos abster de falar”. A disciplina da solitude também produz no cristão essa capacidade de controlar a língua, pois a solitude não é relevante apenas para o silêncio do externo, mas também para o silêncio interno. Em Eclesiastes 3:7, nota-se que existe “tempo de calar e tempo de falar”. Em Tiago 1:19, é exposto que todo homem deve estar pronto para ouvir e tardio para falar e se irar. Shedd (2010 p. 56-59) descreve que a opinião do homem vale muito pouco se antes ele não reflete sobre o que Deus tem a dizer, pois o

certo e o errado não surgem de cabeças impacientes. Shedd (2010) continua comentando que talvez não tenha sido necessário Tiago dizer que o homem deve ser tardio para falar, já que esse parece ser seu maior mal, sendo aqueles que não controlam a língua propensos a grandes quedas.

A simplicidade conduz o cristão ao entendimento que tudo é dada de Deus, que Deus é provedor e quem o sustenta e cuida (Mt 6:25-34). Lewis (2009, p. 163,167) expõe que o prazer do orgulho não em se ter algo, mas em se ter mais do que os outros, sendo o orgulho um câncer espiritual, que destrói a manifestação do amor, do contentamento e do bom senso. Stott (2019, p.217) apresenta que o compromisso pessoal com um estilo de vida mais simples não acabará com os problemas econômicos do mundo. Porém seria uma marca relevante e importante da obediência cristã, da solidariedade para com os pobres e da participação da graça de Jesus, que se esvaziou e tornou-se servo. A simplicidade interna irá manifestar necessariamente uma simplicidade externa que fará o homem colocar-se a disposição do outro, a ser generoso, e grato pelo que tem. Isso então o levará a algumas práticas como: comprar por utilidade, rejeitar tudo que causa dependência, ter o hábito de compartilhar e repartir, desfrutar das coisas sem idolatrá-las, apreciar a criação e a examinar todas as propostas. A simplicidade conduzirá ao homem a orar as palavras de Provérbios 30:7-9 para que Deus conceda somente o necessário.

3.3. A relevância das disciplinas comunitárias para a vida cristã

À semelhança das disciplinas interiores e exteriores, as comunitárias são relevantes para a espiritualidade cristã. A importância da disciplina espiritual da adoração não está apenas na sua prática no ambiente de culto eclesial, aos finais de semana. Porém adoração é coisa de todo dia, todo lugar, e uma vida de adoração gera um viver glorificando a Deus em tudo aquilo que ele é e faz. Piper (2008 p. 66) descreve que como e a quem adorar é crucial, mas não onde adorar, pois a adoração precisa ser vital e real no coração e deve ser feita com um entendimento correto de Deus. Outro erro que comete-se a semelhança da mulher samaritana, é praticar essa disciplina apenas em um lugar específico (Jo 4:20), mas adoração é feita no coração, independentemente do lugar, no coração que corresponde ao amor de Deus, ao coração que se prosta diante dele

reconhecendo quem ele é e o que ele faz. Em 1 Coríntios 10:31, o Apóstolo Paulo ensina: “assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.” Kistemaker (2003, p. 498) comenta que o homem não pode glorificar a Deus a não ser que sua vida esteja em harmonia com Deus e seus preceitos, e quando o homem assim vive, tudo que faz e diz, por menor que seja, deve revelar ao mundo que vive para glória de Deus, essa glória que deve ser o principal propósito do homem.

A relevância da disciplina da confissão passa pelo entendimento de que a igreja é não somente a comunhão dos santos, mas também a comunhão dos pecadores salvos pela Graça de Deus. Segundo Tozer (2018, p. 185) “a miséria e o pecado humano clamam pela misericórdia divina”. A disciplina da confissão é difícil de ser praticada, porque muitas vezes cheio de orgulho, o homem quer encobrir seus pecados, para preservar uma reputação, preservar uma falsa santidade, enquanto sua miséria e seu pecado estão clamando pela misericórdia de Deus. Harman (2011, p. 219) relata que a mera cerimonia formal jamais resulta em perdão, antes o perdão é o resultado de um coração tocado pelo Espírito Santo que convence o homem do pecado (Jo 16:8), e quebranta seu coração, sendo esse quebrantamento uma profunda angústia de coração por seu pecado. A confissão produz no homem um rompimento com esse padrão de querer ocultar seus pecados, e ter como padrão um espírito quebrantado, um coração quebrantado e contrito, o qual Deus não desprezará (Sl 51:17).

A disciplina da orientação ainda sendo feita por Deus e pelo seu Espírito, tem sua expressividade em poder ser feita por meio de irmãos maduros na fé, com conhecimento das Escrituras e com exemplo de vida. Esses são usados para fortalecerem o corpo por meio dessa disciplina. Foster (2007, p. 254-255) relata que a orientação feita pelo cristão contém três características. Primeiro, ela nasce de relacionamentos humanos naturais e espontâneos. Segundo, o orientador precisa empreender essa jornada interior e estar disposto a compartilhar suas lutas e fraquezas. Terceiro, precisa entender que ambos estão aprendendo com Jesus, o Mestre. É necessário que os cristãos se tornem esses filhos maduros em Deus para que possam praticar essa disciplina espiritual em suas vidas. Em Provérbios 11:14 diz que “Não havendo direção sábia, o povo fracassa; com muitos conselheiros, há segurança (NAA).” Em Colossenses 3:16, o Paulo afirma “habite ricamente em vocês a palavra de Cristo; ensinem e

aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seus corações.” Hendriksen (2007, p. 430) comenta que para a Palavra de Deus habitar ricamente sobre os filhos de Deus, torna-se necessário que a comunidade na fé pratique intensamente o ensino das verdades do Senhor, a orientação e o aconselhamento uns aos outros.

Por último observa-se o valor da disciplina da celebração. Tim Chester (2019, p. 38) escreve “O cristianismo diz respeito a um relacionamento com Deus, a um relacionamento com Deus que produz alegria”. A obediência aos mandamentos de Deus, a prática das disciplinas espirituais com constância e intensidade irá conduzir o cristão a alegria, a celebração, pois o caminho para alegria é a obediência. Quanto mais o cristão experimenta essa alegria em Deus, mais ele celebra, glorifica e exalta a Deus por meio de sua vida. Piper (2008, p. 37) relata que Deus é mais glorificado na vida dos cristãos quando eles estão cada vez mais satisfeitos, contentes, felizes no próprio Deus. Os cristãos que têm a profunda consciência do que Deus fez por eles em amor, por meio de Jesus Cristo, provando o amor dele pelos homens, mesmo ainda sendo pecadores (Rm 5:8), não merecedores, devem ser as pessoas mais felizes dessa terra.

Neste capítulo, abordou-se a relevância de cada uma das disciplinas espirituais para vida cristã, em que se descreveu a essencialidade de cada disciplina e sobre algumas realidades que a prática de cada uma gera, produz na vida de cada cristão. Diante do exposto, encerra-se o último capítulo apresentado nesse trabalho.

CONCLUSÃO

O trabalho desse artigo teve como objetivo apresentar uma introdução a importância das disciplinas espirituais para a vida cristã a partir de uma perspectiva protestante. Ao longo de todo trabalho nota-se como a prática das disciplinas espirituais são relevantes para o crescimento espiritual do cristão e da sua intimidade com Deus.

Em todos os três capítulos desse trabalho seguiu-se a classificação de Foster (2007) e sua divisão das disciplinas espirituais em interiores, exteriores e comunitárias.

No primeiro capítulo foi visto sobre a definição do que são as disciplinas espirituais. Observou-se sobre a preferência por parte de alguns autores pelo termo “meios de graça”, em vez de disciplinas espirituais, explicando-se assim o motivo do da preferência de cada um dos termos. Foi apresentado ainda a divergência existente na classificação das disciplinas espirituais por alguns autores, como Charles Hodge, Wayne Grudem, Donald S. Whitney. Foi visto sobre a definição de cada uma delas na classificação e divisão de Foster (2007).

No segundo capítulo, foram apresentados os fundamentos bíblicos das disciplinas espirituais. Verificou-se o propósito das disciplinas espirituais não serem um meio de alcançar a salvação, mas sim um meio pelo qual os salvos utilizam-se para se relacionarem com Deus. Descreveu-se sobre a fundamentação bíblica de cada uma das disciplinas espirituais de maneira isolada.

No último e terceiro capítulo foi apresentado a relevância das disciplinas espirituais para vida cristã. Abordou-se aspectos relacionados a espiritualidade, considerando como desenvolver uma espiritualidade cristã com base na prática das disciplinas espirituais. Por fim, apresentou-se a relevância de cada uma das disciplinas espirituais, demonstrando o que cada uma gera e produz naqueles que praticam as disciplinas na vida cotidiana.

Conclui-se esse trabalho ressaltando que as disciplinas espirituais são extremamente relevantes e indispensáveis para a espiritualidade cristã. O presente trabalho é uma introdução a importância das disciplinas espirituais, o qual não visa esgotar o assunto em questão.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas (SP): Cultura Cristã, 1990.

BLACKBURN, Earl. **Os Meios da Graça – A maneira de crescer na vida cristã**, Revista Fé para Hoje, p. 8, 2017.

CALVINO, João. **Serie de Comentários Bíblicos: Efésios**. São Paulo: Fiel, 2010.

CALVINO, João. **Serie de Comentários Bíblicos: Salmos (volume 1)**. São Paulo: Fiel, 2009.

CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd, 2010.

CARSON, D. A. **O Comentário de João**. São Paulo: Shedd, 2007.

CARSON, Donald A. Spiritual Disciplines. **Themelios**, v. 36, n. 3, p. 377-379, 2011.

CHESTER, Tim. **Experimentando mais de Deus**. São Paulo: Fiel, 2019.

DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia - Edição Revisada**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

FOSTER, Richard. **Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual**. São Paulo: Vida, 2007.

Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE. **G1**. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>>. Acesso em 25 de nov. de 2021.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HARMAN, Allan. **Comentários do Antigo Testamento: Salmos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Mateus (volume 1)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Romanos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

PACKER, J. I. Prefácio. In: WHITNEY, Donald. **As Disciplinas Espirituais Para Vida Cristã**. Prefácio. Tradução de Talita Rose Baulé. 1ª. ed. São Paulo: Batista Regular, 2009.

KELLER, Tim. **Ego Transformado**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, Tim. **Encontros com Jesus: Respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KELLER, Timothy. **Deuses falsos: As promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: Tiago e Epístolas de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

KRAYBILL, Donald B. **O Reino de Ponta Cabeça**. Bragança Paulista (SP): Mensagem Para Todos, 2017.

LEWIS, Clive Staples. **Como Ser Cristão**. Rio De Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

LEWIS, Clive Staples. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LEWIS, Clive Staples. **Reflections on the Psalms**. Nova York, Harcourt, Brace and World, 1958.

LLOYD-JONES, Martyn. **Estudos no sermão do monte**. São Paulo: Fiel, 2018.

MACARTHUR, John. **Comentário bíblico MacArthur: desvendando a verdade de Deus, versículo a versículo**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MCGRATH, Alister. **Uma introdução à espiritualidade cristã**. São Paulo: Vida, 2008.

PIPER, John. **Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã**. São Paulo: Shedd, 2008.

SHEDD, Russell; BIZERRA, Edmilson. **Uma Exposição de Tiago: A Sabedoria de Deus**. São Paulo: Sheed, 2010.

SPROUL, Robert C. **O Conhecimento das Escrituras: Passos para um estudo bíblico sério e eficaz**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

STOTT, John. **A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus**. São Paulo: ABU Editora, 2001.

STOTT, John. **Lendo o Sermão do Monte com John Stott**. Viçosa: Ultimato, 2018.

STOTT, John. **Lendo Romanos com John Stott**. Viçosa: Ultimato, 2018.

STOTT, John. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011.

SUBIRÁ, Luciano. **De Todo Coração: Vivendo a plenitude do amor ao Senhor**. São Paulo: Hagnos, 2020.

THOMPSON, J. A. **Deuteronômio: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

TOZER, A. W. **O Conhecimento do Santo**. São Paulo: Impacto, 2018.

WESLEY, John. **Sermões**. São Paulo: Cedro, 2000.

WHITNEY, Donald. **As Disciplinas Espirituais Para Vida Cristã**, São Paulo: Batista Regular, 2009.

WRIGHT, N. T. **Comentário do Novo Testamento: Serie o Novo Testamento para Todos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.